

A Análise Crítica do Discurso para Além de Procedimentos Metodológicos

Autoria

Georgiana Luna Batinga - georgiana.luna@gmail.com

Mestrado em Administração/Centro Universitário Unihorizontes

Prog de Pós-Grad em Admin - PPGA/PUC Minas - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Luiz Alex Silva Saraiva - saraiva@face.ufmg.br

Centro de Pós-Grad e Pesquisas em Admin - CEPEAD/UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

Marcelo de Rezende Pinto - marcrez@hotmail.com

Prog de Pós-Grad em Admin - PPGA/PUC Minas - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

Resumo

Esse ensaio tem como objetivo reunir as principais ideias da Análise Crítica do Discurso (ACD) enquanto uma abordagem teórico-metodológica, com ênfase no modelo tridimensional de Fairclough (2008) como um enquadramento analítico. Tal propósito foi realizado por meio de uma revisão introdutória, mas não superficial da ACD, discutindo seus aspectos ontológicos, epistemológicos e metodológicos. Como principal achado, aponta-se o reconhecimento da

centralidade do discurso na vida social e que qualquer ação no mundo se dá a partir e por meio dele. A abordagem representa um conjunto de configurações teóricas e analíticas que compartilham uma visão crítica acerca da linguagem e seu interesse na mudança social. Reconhece-se, sobretudo, a ACD enquanto um posicionamento epistemológico crítico e emancipador de se fazer pesquisa nos estudos organizacionais. Apesar de recente, a ACD vem ganhando espaço e reconhecimento como uma proposta metodológica aderente ao campo. No entanto, este ensaio avança na discussão, ao apresenta-la enquanto uma abordagem teórico-metodológica interdisciplinar, voltada aos fenômenos sociais complexos, que requerem uma abordagem multidisciplinar, multimetodológica, crítica e autorreflexiva. Que não se limita a estudar apenas as unidades linguísticas, mas a prática social partilhada, enquanto uma entidade concreta e viva, embutida de signos ideológicos, traduzida no discurso (Fairclough & Wodak, 2000).



A Análise Crítica do Discurso para Além de Procedimentos Metodológicos

Resumo:

Esse ensaio tem como objetivo reunir as principais ideias da Análise Crítica do Discurso (ACD) enquanto uma abordagem teórico-metodológica, com ênfase no modelo tridimensional de Fairclough (2008) como um enquadramento analítico. Tal propósito foi realizado por meio de uma revisão introdutória, mas não superficial da ACD, discutindo seus aspectos ontológicos, epistemológicos e metodológicos. Como principal achado, aponta-se o reconhecimento da centralidade do discurso na vida social e que qualquer ação no mundo se dá a partir e por meio dele. A abordagem representa um conjunto de configurações teóricas e analíticas que compartilham uma visão crítica acerca da linguagem e seu interesse na mudança social. Reconhece-se, sobretudo, a ACD enquanto um posicionamento epistemológico crítico e emancipador de se fazer pesquisa nos estudos organizacionais. Apesar de recente, a ACD vem ganhando espaço e reconhecimento como uma proposta metodológica aderente ao campo. No entanto, este ensaio avança na discussão, ao apresenta-la enquanto uma abordagem teórico-metodológica interdisciplinar, voltada aos fenômenos sociais complexos, que requerem uma abordagem multidisciplinar, multimetodológica, crítica e autorreflexiva. Que não se limita a estudar apenas as unidades linguísticas, mas a prática social partilhada, enquanto uma entidade concreta e viva, embutida de signos ideológicos, traduzida no discurso (Fairclough & Wodak, 2000).

Palavras-chave: Epistemologia. Teorias e Metodologias. Discursos. Estudos Organizacionais. Análise Crítica do Discurso.

1 Introdução

A construção de um trabalho científico carrega consigo escolhas e definições que, além de integrar os propósitos metodológicos, configuram o caminho que conduz à construção do conhecimento, refletindo crenças e convicções que orientam a escolha e definição dos pressupostos do estudo (Guba & Lincoln, 1994), afinal, os sujeitos conhecem, pensam e agem conforme os paradigmas que são, culturalmente nele inscritos (Morin, 2002). Na seara científica, sobretudo nas Ciências Sociais, há um vasto número de possibilidades, principalmente no contexto das técnicas que podem ser utilizadas a fim de privilegiar o acesso ao conhecimento acadêmico. Esses variados caminhos se devem a uma compreensão ampliada da realidade, que pode ocorrer em múltiplos níveis, o que demanda distintas formas de acessar o conhecimento.

Este texto se concentra na análise do discurso para além do foco estritamente metodológico observado nas pesquisas em Administração, que consideram esta perspectiva apenas do ponto de vista operacional, descolando-a de toda uma tradição teórica que sustenta e explica a centralidade do discurso na abordagem dos fenômenos sociais. Desde que Kuhn (1962) sustentou que a opção primeira de uma pesquisa se situa no nível do paradigma de investigação, o que indica o fazer científico reconhecido e aceito por seus pares, entende-se que os paradigmas funcionam como lentes por meio das quais se enxerga o mundo e se conduz a pesquisa, acatando fundamentos filosóficos de modo explícito ou implícito (Burrell & Morgan, 1979).

Dessa forma, os paradigmas se modificam e/ou são substituídos por outros paradigmas à medida que a ciência evolui e promove rupturas, gerando mudanças que ordinariamente

ocorrem em etapas e contribuem para seu progresso. No contexto das Ciências Sociais observa-se um período de mudanças, localizadas principalmente no século passado, com algumas rupturas que ocorreram, entre outros motivos, pela insatisfação e falta de ajustamento das abordagens positivistas e naturais, adotadas no campo, com o conseqüente enfraquecimento de sua influência hegemônica (Santos, 2010). Recebeu ainda, influência do movimento intitulado “virada linguística” e do progressivo interesse por perspectivas e abordagens críticas, tais como a teoria crítica, o pós-estruturalismo, a crítica social e o pós-modernismo. A virada linguística amplia a discussão da perspectiva estruturalista até então predominante no campo dos estudos da linguagem, introduzindo a dimensão social na agenda dos estudos da língua, direcionando o olhar para o funcionamento da linguagem em movimento.

Tal movimento se traduziu em uma perspectiva renovada sobre a natureza da linguagem e sua relação com questões centrais das Ciências Sociais e, ao romper esses limites, originou diferentes escolas e abordagens metateóricas sob o rótulo da Análise de Discurso (AD): a escola francesa, anglo-saxã, espanhola, germânica, brasileira, entre outras, com pontos de similitudes e disparidades (Orlandi, 2003). Tomando a título de exemplo as duas principais escolas, Pêcheux, na escola francesa (ADF) e Fairclough, na anglo-saxã (ACD), respectivamente autores expoentes das duas escolas, partem de lugares diferentes o que se desdobra em ênfases e prioridades distintas.

São comuns a ambas abordagens a concepção de discurso, de formação discursiva e de ordem do discurso proposta inicialmente por Foucault (1996), o fato de se basearem em ideais marxistas que procuram dar conta das transformações do capitalismo, características de inter e transdisciplinaridade, e o comprometimento com a análise e revelação da função do discurso na (re)produção da dominação social. Como principal ponto de divergência entre as duas abordagens, está o compromisso da ACD em fazer a análise do discurso como instrumento político contra a injustiça social, assim como o posicionamento de seus analistas que não podem adotar uma postura de imparcialidade em relação ao objeto analisado, pois, ao fazê-lo, se tornariam cúmplices de tais estruturas.

Neste sentido, ela promove um deslocamento epistemológico em relação à ADF, ao propor uma perspectiva que busca promover transformações sociais e rompimentos com as estruturas dominantes de poder. No entanto, é possível desenvolver um projeto comum entre ambas, por exemplo, quando se pretende produzir interfaces e desdobramentos sobre práticas discursivas e práticas sociais.

A ACD institui a linguagem como forma de controlar a estrutura social, e ao mesmo tempo, pensar a linguagem para desestabilizar esse controle, sustentada na crença de que “esta consciência crítica sobre práticas linguísticas cotidianas responde a mudanças fundamentais nas funções que a linguagem cumpre na vida social” (Fairclough & Wodak, 2000, p. 369), representadas, por exemplo, na linguagem instrumentalizada, tecnologizada, na linguagem publicitária, usada para seduzir e consumir, para vender, entreter. Que reflete o homem e suas práticas sociais, utilizadas pelas organizações, mediadas pela linguagem, que assume papel central nas relações, pois é por meio dela que ocorrem as interações (Bakhtin, 1992), em um determinado contexto social.

Para além dos trabalhos já apresentados acerca da ACD, este texto pretende avançar na discussão, promovendo uma contribuição ao campo, por meio de uma apresentação aprofundada desta abordagem teórico-metodológica, associando-a a reflexões epistemológicas e sociais. Considerando que a sociedade se trata de um campo de disputas políticas, ideológicas e de interpretações, com enquadramentos conflitantes, que disputam pela interpretação e construção da realidade, pois a linguagem, por conseguinte, é “uma prática social, partilhada, uma entidade concreta e viva de signos ideológicos” (Bakhtin, 1998, p. 99), o que se pretende aqui é reunir as principais ideias da Análise Crítica do Discurso com ênfase no modelo tridimensional de Fairclough (2008) como um enquadramento analítico.

2 Aproximando-se dos estudos do discurso

Assumir a ACD requer assumir um posicionamento epistemológico associado à mudança, à emancipação e à transformação, o que implica direcionar o olhar para as condições de produção dos textos, para a observação dos significados alojados em seus interiores e para as suas influências nos processos de construção de realidades sociais. Essa interação ocorre em dois níveis da ordem social: “o uso da linguagem, o discurso, a interação verbal e a comunicação pertencem ao micro nível”; já “o poder, a dominação e a desigualdade entre grupos sociais são tipicamente termos que pertencem ao macro nível” de análise. Cabe à ACD preencher essa lacuna entre os dois níveis, que se dá na interação, na experiência cotidiana, nas práticas sociais (Van Dijk, 2008).

A posição ontológica dessa abordagem assume que o discurso não possui uma relação passiva com a realidade e com a linguagem, referindo-se aos objetos, tidos como dados na realidade, mas em uma relação ativa: a linguagem lhe atribui sentidos e significados. Uma noção central na maioria dos trabalhos críticos do discurso é o poder, mais especificamente, o poder social exercido por grupos e instituições, manifestando-se em termos de controle social, cuja intensidade pode ser maior ou menor dependendo do quanto forem capazes de exercer maior ou menor controle sobre membros de um grupo social, e até mesmo de outros grupos.

Outra notável característica dessa abordagem é o posicionamento sociopolítico que pleiteia de seus pesquisadores, reconhecidos como “analistas críticos do discurso”, uma atitude crítica e explícita, que assume explicitamente seu papel na sociedade e sua posição sociopolítica. Como defende Van Dijk (2008, p. 114), aos analistas, “é fundamental a consciência explícita do seu papel na sociedade, dando continuidade a uma tradição que rejeita a possibilidade de uma ciência não valorativa”, por meio da crença de que “os analistas críticos argumentam que a ciência, em particular, o discurso acadêmico, não apenas são parte inerente de uma estrutura social, mas também são por ela influenciados, além de serem produzidos na interação social”.

O papel do discurso nas organizações é igualmente difícil de definir. Apesar de abordagens divergentes e às vezes conflitantes, a pesquisa sobre o discurso organizacional está associada ao estudo de textos (embora o que constitui um texto também seja uma questão de debate) e seu uso em configurações organizacionais particulares. Discursos podem ser textos, falas e práticas e sua análise requer um exame da linguagem, da produção de textos e processos de comunicação e das interações entre atores em ambientes organizacionais e institucionais (Grant, Keenoy & Oswick, 1998).

Estudar o discurso organizacional ou ainda o discurso nas organizações, a partir dessa perspectiva se constitui em um caminho rico para explorar os processos da organização e, em particular, suas fragilidades e lutas travadas dentro da dinâmica organizacional. É saber que “grande parte do que passa na organização é um tipo de discurso” (Van Dijk, 2016, p. 710). Significa estudar os efeitos políticos do discurso organizacional e examinar como ele atua como um recurso cultural, uma vez que o discurso como campo de estudo é “difuso” e abrange uma série de abordagens que são construídas por uma grande variedade de disciplinas (Van Dijk, 1997).

Esses diferentes saberes nasceram, pois, de práticas e de formas de organização. O que se conclui é que o próprio sujeito é uma posição discursiva, uma função dos discursos. Pois, como diz Foucault, “somos seres de linguagem e não seres que possuem linguagem” (Foucault, 2012, p. 20). Observa-se, assim, como determinados mecanismos linguísticos permitem a construção de uma realidade na dinâmica da língua e suas manifestações nos aspectos sociais, culturais e históricos. É nesse caminho que todas as linguagens, qualquer que seja o princípio de sua estratificação, “podem ser confrontadas, podem servir de complemento mútuo entre si, oporem-se umas às outras e se corresponder dialogicamente” (Bakhtin, 1998, p. 99).

3 Contextualizando a discussão: língua, linguagem e discurso

A concepção moderna do conceito e objeto de estudo da Linguística se origina do curso de “Curso de linguística geral” [1916] do suíço Ferdinand de Saussure, que estabelece uma noção de língua que rompe com a tradição histórico-comparativa de estudos de linguagem, conferindo-lhe um caráter de cientificidade nos moldes positivista e estruturalista, e posicionando-a como ciência (Saussure, 2006). Para o autor, a língua é um fato social e está dissociada de fatores externos: funciona como uma estrutura autônoma, um sistema de signos, constituído por relações de natureza essencialmente linguística que se estabelecem entre seus elementos. Para Saussure, a linguística tem por único e verdadeiro objeto, a língua considerada em si mesma e por si mesma. Foi somente no final do Século XIX, que ocorre um corte epistemológico que promove uma mudança no campo conceitual e,

no lugar do puro pensamento e das ideias do racionalismo e do empirismo do século XVII e no lugar da razão kantiana com suas formas puras “a priori”, surge a linguagem como um dos problemas centrais do pensamento ocidental. A linguagem não é mais considerada como simples instrumento para o pensamento representar as coisas, e sim estrutura articulada, independente de um sujeito ou de uma vontade individual e subjetiva, não mais submetida à função exclusiva da nomeação ou designação, quer dizer, o signo não se limita a estabelecer uma relação direta com a coisa nomeada. [...] A virada linguística, pressentida por Hegel, configura um novo panorama para a filosofia da linguagem e para a linguística (Araújo, 2004, p. 11-12).

Esse rompimento ganha evidência na metade do Século XX, com a chamada “virada pragmática”, quando o campo assume os elementos sociais, culturais e contextuais. “Não se considera mais um sujeito racional, intencional, solitário, um ‘tipo ideal’, mas, ele se faz a partir da construção de objetos discursivos, na intersubjetividade das negociações, das ratificações de concepções individuais e públicas” (Ferreira, 2010, p. 24). Em contraponto a essa abordagem estruturalista de Saussure, entra em cena uma concepção de linguagem que cria o vínculo entre o homem e a realidade social por meio do discurso, tornando possível “tanto a permanência e a continuidade, quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade na qual vive” (Piovesan *et al.*, 2006, p. 2).

Ao estabelecer uma nova concepção dos diferentes contextos de uso da língua, que acabam conferindo diferentes sentidos a uma mesma palavra, as palavras passam a não ser neutras ou imutáveis: é no contexto real de uso da língua que se constroem os valores que o falante dá para a língua, sendo esta um signo variável e flexível (Bakhtin & Voloshinov 1992). Surge, então, o conceito de discurso como “uma dispersão de textos cujo modo de inscrição histórica permite definir um espaço de regularidades enunciativas” (Maingueneau, 2005, p. 15): é a língua em movimento, perpassando as diversas esferas da sociedade, é o lugar da materialização ideológica (Pêcheux, 1993).

“As relações estabelecidas pelos interlocutores, assim como o contexto, são constitutivas da significação do que se diz” (Elichirigoity, 2007, p. 174). Com essa noção de discurso estabelece-se que o modo de existência da linguagem é social e fica entre a língua (geral) e a fala (individual): o discurso é o lugar social. Enquanto “a língua é um conjunto de estruturas, os discursos são unidades de funcionamento, e a análise da linguagem em sua totalidade não pode deixar de fazer face a essa exigência fundamental [...] não somente da língua que permite dizer, mas dos discursos que foram ditos” (Foucault, 2000, p. 72). A “linguística permitiu, enfim, analisar não somente a linguagem, mas os discursos, isto é, ela permitiu estudar o que se pode fazer com a linguagem” (Foucault, 2000, p. 166).

Diz respeito, assim, aos lugares sociais ocupados pelos sujeitos falantes e sua posição relativa no discurso; é a desigualdade existente entre eles e entre os lugares que ocupam que se materializa nos poderes que exercem na produção social. No entanto, essas desigualdades não são rígidas: sobre elas paira a possibilidade de ruptura e, portanto, de alterações dessas condições (Orlandi, 1987, p. 158). Ora, se o discurso é o elo entre a linguagem e a realidade social, ao eleger o discurso como seu objeto, a AD acaba relacionando à linguagem a exterioridade.

Para Alkmin (2001, p. 21), “linguagem e sociedade estão ligadas entre si de modo inseparável. Mais do que isso, podemos afirmar que essa relação é a base da constituição do ser humano”. Inspira-se ainda, em sua origem, na afirmação de Saussure (2006) de que a língua é fato social e busca significar o que ali é social e ao estabelecer essa proposta, a análise do discurso adquire uma singularidade: ligar a língua à exterioridade, à ideologia e ao inconsciente (Orlandi, 2002). Neste sentido, a AD produz um deslocamento mais significativo do que a sociolinguística, principalmente em face da natureza dicotômica da língua/fala, ao deslizar para a relação não dicotômica língua/discurso, o que abre.

“A não-dicotomização da relação língua e discurso abre o conhecimento linguístico para um novo marco em seu desenvolvimento. A teoria do discurso, trabalhando os entremeios, vai além das relações representadas como dicotomias” (Orlandi, 2002, p. 22). Ao trabalhar na reintrodução do sujeito e da situação no campo dos estudos da linguagem, a análise do discurso compreende o dinamismo que há na língua em movimento, e que tanto o sujeito como a situação podem ser redefinidos e ressignificados o tempo todo, e é na interpretação e busca do sentido escondido em algum lugar atrás do texto, que “procura-se compreender a língua não só como uma estrutura, mas sobretudo como um acontecimento” (Orlandi, 2009, p. 19).

Mais do que isso, a “análise do discurso visa à compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos” (Orlandi, 2009, p. 26): “ao produzir este deslizamento, ao desmanchar teoricamente essa dicotomia, a teoria do discurso redefine (ressignifica enquanto instrumento de reflexão) o que é língua para a linguística” (Orlandi, 2002, p. 24).

Quem analisa o discurso, assim, não pode abrir mão do sentido, que, por sua vez, não está “separado” da sintaxe. Para os objetivos do analista de discurso, considerando uma relação regrada entre língua e discurso, é necessário trabalhar o “impulso metafórico interno da discursividade pelo qual a língua se inscreve na história” (Orlandi, 2002, p. 24). Embora esteja fundamentada por estes elementos que a tornam singular, a análise do discurso é, sobretudo, “um processo de desconstrução, construção e compreensão incessante de seu objeto: o discurso” (Elichirigoity, 2007, p. 170).

Assim, a análise do discurso se aproxima ainda mais da linguagem, pois o discurso, objeto de seu estudo, é a linguagem em ação, é o elo entre o homem e a realidade natural, social. Mais do que isso, o discurso relaciona a linguagem à sua exterioridade, manifesta na comunicação entre as pessoas, as organizações, e todos os atores sociais que se inserem contexto social e se expressam de diversas maneiras, produzindo sentidos enquanto sujeitos e enquanto membros de uma sociedade; é a palavra em movimento, é a língua criando sentidos simbólicos, constitutivos do homem e da sua história (Orlandi, 2009).

4 A dimensão da mudança social por meio do discurso

Ao considerarem a linguagem como prática social, Bakhtin e Fairclough pressupõem o contexto histórico e econômico da sociedade na análise do texto e de seu contexto e incorporam um posicionamento crítico ao reconhecerem a heterogeneidade discursiva e problematizarem as estruturas fixas das práticas de linguagem (Bakhtin, 1992; Fairclough, 2003). Essa concepção surge a partir dos primeiros estudos de linguística crítica, na década de 1970, que passam a

investigar a linguagem interagindo com o contexto social, como forma de entender os valores associados às práticas sociais. A intenção inicial da linguística crítica foi pensar sobre a linguagem enquanto prática social, reprodutora de ideologias, e a linguagem e sua interface com o poder.

Ao final da década de 1980, vários estudos foram publicados sobre esta perspectiva, consolidando os estudos críticos da linguagem e revelando autores que passariam a ser expoentes dessa corrente como Norman Fairclough, Gunter Kress, Ruth Wodak, Teun van Dijk e Theo van Leeuwen que, promovem a discussão contextualizando-a na AD, que até o momento se detinha na análise do texto e sua relação com o social no nível do discurso, sem considerar a prática. Essa é, portanto, uma das diferenças entre a ADF e a ACD, que desloca sua atenção as etapas de elaboração e interpretação linguística caracterizados por tensões sociais e contempla essencialmente a dimensão da mudança social utilizando o discurso (Wodak, 2003; Van Dijk, 2008; Wodak & Meyer, 2009).

Coube a Fairclough avançar na discussão, criar a expressão “Análise Crítica do Discurso” (ACD) (Magalhães, 2005) e formalizar o estudo da linguagem como prática social. A expressão criada por Fairclough se consagra, além de contribuir para evidenciar o pensamento crítico associado a um objetivo intervencionista e emancipador. Apesar de recente, a Análise Crítica do Discurso ganha espaço e tem sido reconhecida enquanto uma proposta teórica-metodológica com características interdisciplinares, voltada para estudar fenômenos sociais complexos, que requerem uma abordagem multidisciplinar e multimetodológica (Fairclough & Wodak, 2000).

A ACD não propõe apenas uma reflexão teórica acerca do funcionamento da linguagem em práticas sociais, mas também enquadramentos analíticos para a análise de textos (Wodak, 2003). Embora não possua homogeneidade entre suas diversas perspectivas, como ressalta Meyer (2003), tais como a perspectiva cognitiva de Van Dijk (1997), a perspectiva histórica de Wodak (1996), e a perspectiva social de Chouliaraki & Fairclough (1999) e Fairclough (2003), a abordagem representa um conjunto de configurações teóricas e analíticas que compartilham uma visão crítica acerca da linguagem e um interesse na mudança social.

Assim como a Análise do Discurso Francesa, a Análise Crítica do Discurso se compromete a olhar para a conjuntura da produção dos textos, para os significados alojados em seus interiores e para suas influências nos processos de construção das diversas realidades sociais. Como dito, o poder é uma noção central na maioria dos trabalhos críticos do discurso. Existem pelo menos dois tipos de relações que o poder estabelece com o discurso: o poder no discurso, manifesto explicitamente no texto, na escolha das palavras que o compõe, na linguagem; e o poder que se esconde no discurso, cuja origem se encontra nas ordens discursivas as quais o texto está vinculado (Fairclough, 1989).

No entanto, a análise dos textos revela, por meio de marcas discursivas, a dinâmica e a interação dessas relações sociais (Fairclough, 2001), “o que pressupõe o acesso a recursos sociais, tais como força, dinheiro, *status*, fama, conhecimento, informação, cultura, ou na verdade, às várias formas públicas de comunicação e discurso” (Van Dijk, 2008, p. 117).

5 As organizações como construções discursivas

Estudar o discurso é uma maneira enérgica para explorar os processos que acontecem nas organizações e, em particular, a fragilidade e as lutas internas vivenciadas na dinâmica organizacional. Estudos dos efeitos políticos do discurso examinam como ele atua como um recurso cultural e desempenham um papel na construção social da realidade, não se limitando simplesmente a descrever fatos: eles os criam (Grant, Keenoy & Oswick, 1998). O discurso é socialmente constituído e socialmente constitutivo, pois produz objetos de conhecimento, identidades sociais e relações entre pessoas.

Na sua análise, as práticas comunicativas dos membros são examinadas tendo em vista as formas que contribuem para o processo contínuo da organização e da constituição da realidade social (Fairclough & Wodak, 1997). Estudar o discurso organizacional também pode ser um recurso para revelar como as pessoas utilizam estratégias discursivas para viabilizar seus planos e projetos, como ocorre a construção coletiva desses discursos e os objetivos institucionais a que os discursos particulares atendem. Enquanto alguns autores argumentam que os efeitos do discurso estão fora do controle dos indivíduos, outros defendem que a atividade discursiva pode ser controlada e usada para influenciar os resultados pretendidos (Grant, Keenoy & Oswick, 1998).

Hardy, Palmer e Phillips (2000) assumem que os sujeitos se envolvem em atividades discursivas de maneira estratégica e direcionada para produzirem resultados benéficos e alcancem seus objetivos. Apesar de assumirem que essa agência é limitada, os autores acreditam que os sujeitos se envolvem propositalmente em atividades discursivas, afim de produzirem e disseminarem várias formas de textos – em um contexto discursivo maior (Hardy & Phillips, 1999).

Os discursos que compõem esse contexto decorrem das lutas entre diferentes atores e a acumulação das atividades de muitos indivíduos (Phillips & Hardy, 1997). Portanto, a maioria dos contextos – incluindo as organizações – consistem em discursos múltiplos e fragmentados que proporcionam aos atores escolhas, sendo a interdiscursividade uma estratégia importante para provocar mudanças (Fairclough, 1995). Os indivíduos empregam estratégias discursivas com intenções particulares previamente definidas e podem garantir os resultados esperados, mas fazem isso em um contexto de múltiplos discursos, com efeitos complexos, extensos alcances e que estão fora do controle de indivíduos isolados. A estratégia discursiva, assim, não ocorre no vácuo, por isso, para entender os discursos e seus efeitos, é preciso compreender o contexto em que eles surgem (Grant, Keenoy & Oswick, 1998).

Dessa forma, estudar o discurso significa compreender as propriedades do texto, do discurso e de seu contexto, as características da situação social ou do evento comunicativo que podem influenciá-lo sistematicamente. Diz respeito a um diálogo entre o texto e o seu contexto, entre a intertextualidade e o conhecimento sociocultural do contexto, que deve ser estudado como uma parte constitutiva do seu contexto local, global, social e cultural (Van Dijk, 1997). Pois os discursos sempre estão conectados a outros discursos que foram produzidos anteriormente, bem como aqueles que são produzidos de forma sincronizada e posteriormente (Fairclough & Wodak, 1997, p. 277).

6 A Análise Crítica do Discurso enquanto proposta metodológica

A Análise Crítica do Discurso é, simultaneamente, uma teoria e um método que cria uma interação com outras teorias sociais, com os quais dialoga de maneira transdisciplinar a fim de identificar as conexões entre relações de poder e as escolhas linguísticas elaboradas pelos atores sociais. Portanto, suas análises avaliam os aspectos linguísticos, mas também os elementos sociais, pois, para a ACD, o discurso é uma prática social e um modo de ação dialeticamente constituído, isto é, ele é *socialmente constitutivo* e é *constituído socialmente* (Fairclough, 2001).

Para Wodak e Meyer (2009), as questões norteadoras que direcionam os estudos que adotam essa abordagem, podem conduzir a perspectivas distintas e se constituir por procedimentos dedutivos ou indutivos, variando de acordo como a investigação é conduzida. Diante da diversidade de possibilidades de análises e pressupostos teóricos construídos a partir da influência de distintos autores e correntes epistemológicas e, na tentativa de orientar os analistas e pesquisadores que adotam a abordagem, Wodak e Meyer (2009, p. 25) organizaram esboços teóricos possíveis, agrupados de acordo com seus principais objetivos:

- a) Abordagem de Análise Dispositiva – mais voltada para a origem da noção do discurso, das teorias estruturalistas do fenômeno discursivo, segundo Foucault. Nega a realidade construída fora do discurso.
- b) Abordagem Sociocognitiva – compreende o discurso como um evento comunicativo, incluindo interações conversacionais e textos escritos, associados a gestos, expressões faciais, leitura de imagens, entre outros. Essa abordagem utiliza como principal corrente teórica, as representações sociais.
- c) Abordagem Histórico-Discursiva – enfoca o vínculo entre a teoria do discurso e o campo de ação, os gêneros discursivos e o texto. Alinha-se a teoria crítica e dá ênfase na análise histórico-contextual em que um determinado evento está inserido.
- d) Abordagem do Objeto Linguístico – é uma abordagem quantitativista da ACD.
- e) Abordagem dos Atores Sociais – trabalha com o amplo escopo de teorias linguísticas e sociais, que explicam o papel das ações nas estruturas sociais e foca no que os atores sociais fazem socialmente.
- f) Abordagem Dialético-Relacional – enfoca a vida social, sua história e experiências humanas, analisadas no contexto social, tenta detectar a ideologia e o poder nas manifestações linguísticas, no discurso e nos elementos de dominação, diferença e resistência.

A abordagem dialético-relacional, que tem como principal expoente Norman Fairclough, foco teórico escolhido para ser discutido e apresentado neste texto, concebe, simultaneamente a linguagem a serviço do controle da estrutura social e a serviço da desestabilização de tal controle. Por se posicionar como uma abordagem teórica-metodológica, uma dúvida recorrente é sobre como operacionalizar essa visão crítica e ideológica da linguagem e analisar o discurso criticamente, enquanto prática social. Em função disso, Fairclough (2008) propõe o modelo tridimensional apresentado na figura 1, chamado de “modelo tridimensional do discurso”, composto por três dimensões de análise: texto, prática discursiva e prática social.

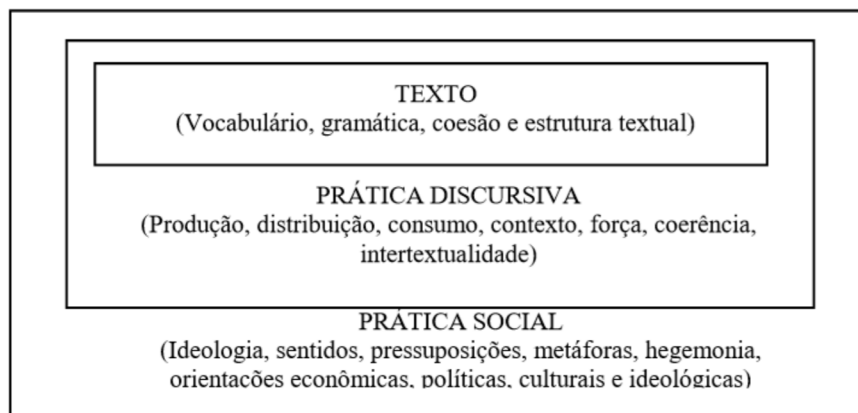


Figura 1: Categorias analíticas do modelo tridimensional de Fairclough (2008)

Fonte: Resende e Ramalho (2006, p. 29), adaptada pelos autores.

As categorias de análise representam uma orientação para auxiliar a análise, não sendo necessário que todas elas sejam utilizadas em todas as instâncias. Ao se debruçar sobre os discursos organizacionais, o pesquisador que adota essa abordagem, inicialmente deve se deter na descrição do contexto e das estruturas sociais nas quais os indivíduos, grupos ou a própria organização criam sentidos em sua interação com os textos. Essa é uma etapa central para a ACD, uma vez que os discursos são históricos e só podem ser entendidos quando analisados em seus contextos específicos.

Antes de iniciar a análise, é necessário apresentar a conjuntura do fenômeno em questão, com base nos pressupostos da ACD, que concebe a língua como um elemento integrante do processo social, nas três dimensões de análise propostas por Fairclough (1992). As três dimensões são apresentadas separadamente apenas para auxiliar na organização da análise, mas estão dialeticamente interconectadas e cada uma delas é indispensável às etapas de análise. A proposta do autor é estabelecer uma articulação entre essas dimensões, considerando-as simultaneamente, texto, prática discursiva e prática social em *um único evento discursivo*.

Concluída a análise da conjuntura, é iniciada a análise do texto, da prática discursiva e da prática social. *Analisar o texto* significa observar a linguagem, falada ou escrita, a escolha dos léxicos, sua coesão, os mecanismos de ligação entre as frases, a estrutura textual e gramatical; significa atentar as combinações e relações possíveis entre as palavras e seus sentidos, assim como seus campos semânticos. *A prática discursiva* se constitui na interação dos processos de construção de sentidos que se realizam entre os interlocutores, relacionados aos processos de produção, distribuição e consumo textual. Neste ponto, são analisadas as categorias força, coerência e intertextualidade. “A força dos enunciados refere-se aos tipos de atos de fala desempenhados; a coerência, às conexões e inferências necessárias e seu apoio em pressupostos ideológicos; já a análise intertextual, refere-se “às relações dialógicas entre o texto e outros textos (intertextualidade) e às relações entre ordens de discurso (interdiscursividade)” (Resende & Ramalho, 2004, p. 187).

A prática social constitui “as relações com as estruturas sociais e outros processos mais amplos dessa estrutura, nos quais o discurso é produzido”. Constitui “os aspectos ideológicos e hegemônicos na instância discursiva analisada, como os sentidos das palavras, as pressuposições, as metáforas e o estilo”. Ao entrar em movimento, a semiose produz gêneros discursivos que representam as maneiras de agir, de produzir a vida social, portanto, os aspectos ideológicos e hegemônicos são traduzidos nessa dimensão, pelas orientações econômicas, políticas, ideológicas e culturais (Resende & Ramalho, 2004, p. 187). Porém, “a centralidade está no discurso, pois até a análise da prática social se dá pelo texto. É por meio dele que identificamos “as formas de exploração das estruturas de dominação, as operações de ideologia e as relações sociais” (Resende & Ramalho, 2004, p. 189).

As três dimensões de análise listadas por Fairclough (2008), apesar de distintos entre si, se relacionam dialeticamente e possuem um sentido por meio do qual, cada um consegue internalizar os demais, sem perderem suas próprias essências. As relações e identidades sociais, os valores culturais e a consciência, por exemplo, são em parte semióticos, o que não significa dizer que podem ser teorizados da mesma forma que os estudos da linguagem. A ACD surge com a proposta de compreender essa relação dialética que se estabelece entre as práticas sociais e a semiose. Nessa relação, a semiose pode assumir diferentes papéis e graus de determinação, variando com o tempo, de acordo com a prática. Seu funcionamento se manifesta ora como parte evidente da prática social em si; ora reinterpretando-a, reconfigurando-a, recontextualizando-a e incorporando-a de acordo com a posição que ocupa dentro da prática, produzindo diferentes performances, variando de acordo com a posição ocupada.

7 Considerações finais

A intenção deste ensaio foi a de apresentar as ideias introdutórias da ACD, indo além dos procedimentos metodológicos apresentados na maioria dos trabalhos que abordaram o tema, sem deixar de se aprofundar e promover uma contribuição genuína na apresentação dessa afilada abordagem teórico-metodológica, reduzida na maioria dos estudos a uma “ferramenta” de análise de dados. Nas palavras de Fairclough, a ACD não pode ser considerada uma técnica ou “uma ferramenta numa caixa, da qual se pode lançar mão quando necessário e depois devolvê-la”. Nem tampouco pode ser reduzida a apenas uma teoria, pois não é nesse lugar que

ela deseja permanecer, ela “é uma perspectiva teórica sobre a língua, sobre um momento do processo social material, que dá margem a análises linguísticas ou semióticas inseridas em reflexões mais amplas sobre o processo social” (Fairclough & Melo, 2012, p. 307). Uma compreensão imprecisa ou restrita da abordagem pode conduzir o pesquisador a adotá-la com posicionamentos epistemológicos inconsistentes e delimitações teóricas que não dialogam com a abordagem, produzindo trabalhos fracionados, instáveis e incoerentes.

Para Fairclough, as práticas discursivas contribuem para produzir a sociedade como ela é – suas identidades sociais, sistemas de conhecimento e crença – mas também contribuem dialeticamente para sua transformação. As instâncias de uso de linguagem, em textos escritos ou orais, são realizadas, em suas diversas modalidades, pelas ordens de discurso, que constituem os aspectos discursivos das redes de práticas sociais. Por estarem em relação dialética, é difícil estabelecer as fronteiras entre as práticas discursivas e as práticas sociais. Por isso, Fairclough (2008) entende que a ação do indivíduo na sociedade se dá por meio dos gêneros discursivos, uma prática social capaz de revelar os sistemas de motivação de sua produção, recepção e consumo.

O discurso também é capaz de revelar essa prática dialética de ação na sociedade, pois pode revelar estruturas sociais de poder constitutivas de formas de crenças e de conhecimento estabelecidas nas relações sociais. A Análise Crítica do Discurso surge com a proposta de compreender essa relação dialética que se estabelece entre as práticas sociais e a semiose. Ao entrar em movimento, a semiose produz gêneros discursivos que representam as maneiras de produzir a vida social. Apesar de distintas entre si, relacionam-se dialeticamente e possuem um sentido por meio do qual cada uma consegue internalizar as demais sem perder suas próprias essências.

As relações e identidades sociais, os valores culturais e a consciência, por exemplo, são, em parte semióticos, o que não significa dizer que podem ser teorizados da mesma forma que os estudos da linguagem. Nessa relação, a semiose pode assumir diferentes papéis e graus de determinação, variando com o tempo, de acordo com a prática. Seu funcionamento se manifesta ora como parte evidente da prática social em si; ora reinterpretando-a, reconfigurando-a, recontextualizando-a e incorporando-a, produzindo diferentes *performances*, variando de acordo com a posição ocupada dentro da prática.

Para os objetivos propostos neste ensaio, as proposições da ACD a legitimam enquanto abordagem teórico-metodológica para o tratamento dos discursos organizacionais ou dos estudos de gestão, pois, ao unir o social e o linguístico, busca explicitar, por meio dos mecanismos linguístico-discursivos, caminhos para uma compreensão do social, assim como apresentar a linguagem veiculada em forma de discursos, ideologias e relações de poder.

Fairclough (2008) entende discurso como uma prática social simultaneamente reprodutora e transformadora de realidades sociais, defendendo a relação dialética entre sociedade e sujeito, que se moldam e se transformam, ideológica e linguisticamente. Assim, ao refletir sobre o ambiente social, suas práticas e as práticas de outros sujeitos, o sujeito pode promover mudanças das práticas por meio da reprodução, contestação, reestruturação, dominação e suas formações discursivas, seja resistindo a elas, seja ressignificando, seja as reconfigurando.

Estudar as organizações enquanto construções discursivas, ou ainda, estudar as manifestações discursivas das organizações é um tema que se localiza em um campo de disputas discursivas: as narrativas dos diversos atores participantes e as buscas por seus interesses, ora se apresentam implícitas, ora explícitas, ora silenciadas. Ao ancorar-se na ACD e escolher um fenômeno social complexo como objeto de estudo, sua condução não encontra espaço para se amparar na perspectiva moderna da neutralidade científica.

Pelo contrário, esses estudos assumem um posicionamento crítico, construído na perspectiva dos estudos da linguagem, o que implica dizer que “crítico” significa comprometer-

se em desvelar conexões entre os textos e os fatores que os permeiam, como o contexto histórico e social de produção e compreensão textual. Fairclough (2008) compreende o termo *crítico* como a descoberta das conexões entre o social e o político, entre a língua e outros elementos da vida social. Primeiramente, porque a ACD busca compreender a maneira como o discurso opera ideologicamente, em segundo lugar, porque a ACD está comprometida com mudanças sociais na sociedade.

Um conjunto de conceitos, ideias e posicionamentos, mobilizaram a elaboração deste ensaio e se converteu em uma oportunidade que assume o desafio inerente a uma metodologia de investigação pautada pela exigência de se manter o olhar crítico, descentrado e fragmentado. Pela capacidade de identificar um campo específico e pertinente de estudo, numa vasta abrangência de possíveis. Quem decide por tal desafio, deve entender que ele pressupõe persistência, engenho e arte, na interpretação da linguagem, dos discursos, das narrativas e dos sentidos nelas expressos, e deve traduzi-los num texto público e partilhado, transparente na análise e, portanto, acessível à crítica e ao debate.

Sabe-se que a academia está estruturada como uma rede de práticas distintas, e a produção de trabalhos nessa perspectiva, se permanecerem dentro dessas fronteiras, talvez não produza os efeitos desejados. Neste sentido, alguns questionamentos podem auxiliar na reflexão crítica acerca da atuação e postura ética do pesquisador que considera essa abordagem: Como pesquisas conduzidas pela Análise Crítica do Discurso podem efetivamente contribuir para a transformação de problemas sociais complexos? Sob quais posicionamentos epistemológicos e teóricos os projetos e pesquisas se apoiam? De que maneira a produção acadêmica pode dialogar com os desafios e dilemas vivenciados pelas organizações? Como esse posicionamento epistemológico pode ser traduzido em uma prática de pesquisa que consiga abarcar as múltiplas e complexas conjunturas organizacionais? Quais paradigmas têm sido privilegiados? Sobre o que escrevemos e, principalmente onde publicamos?

Referências

- Alkmin, T. A. (2001). Sociolinguística: parte I. In F. Mussalim & A. C. Bentes (Orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras* (pp. 21-48). São Paulo: Cortez.
- Araújo, I. L. (2004). *Do signo ao discurso*. São Paulo: Parábola.
- Bakhtin, M. (1998). O discurso no romance. In M. Bakhtin. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo: Unesp.
- Bakhtin, M. (Voloshinov, V. N). (1992). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec.
- Burrell, G. & Morgan, G. (1979). *Social paradigms and organisational analysis: elements of the sociology of corporate life*. London: Heinemann.
- Chouliaraki, L. & Fairclough, N. (1999). *Discourse in late modernity: rethinking critical discourse analysis*. Edinburgh: Edinburgh University.
- Elichirigoity, M. T. P. (2007). Análise do discurso na área de letras. *Cadernos do Instituto de Letras - IL*, 34, p. 169-199.
- Fairclough, N. (1989). *Language and power*. London: Longman.

Fairclough, N. (1995). *Critical discourse analysis: papers in the critical study of language*. New York: Longman.

Fairclough, N. & Wodak, R. (1997). Critical discourse analysis. In T. Van Dijk (Ed.) *Discourse as social interaction*. London: SAGE.

Fairclough, N. & Wodak, R. (2000). Análisis crítico del discurso. In T. A. Van Dijk (Coord.). *El discurso como interacción social. Estudios sobre el discurso II: una introducción multidisciplinaria* (pp. 367-404). Barcelona: Gedisa.

Fairclough, N. (2001). A análise crítica do discurso e a mercantilização do discurso público: as universidades. In C. Magalhães (Org.). *Reflexões sobre a análise crítica do discurso* (pp. 31-82). Belo Horizonte: Faculdade de Letras/UFMG.

Fairclough, N. (2003). *Analysing discourse: textual analysis for social research*. London: Routledge.

Fairclough, N. (2008). *Discurso e mudança social*. Brasília: UnB.

Fairclough, N. & Melo, I. F. (2012). Análise Crítica do Discurso como método em pesquisa social científica. *Linha d'Água*, 25(2), p. 307-329.

Ferreira, T. B. (2010). *Linguagem, cognição e mundo: o livro desassossego e a construção discursiva da realidade*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, Brasil.

Foucault, M. (2012). *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Foucault, M. (2000). Sobre as maneiras de escrever a história. Resposta ao círculo de epistemologia. In M. B. Mota (Org.) *Ditos e escritos II*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Foucault, M. (1996). *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola.

Grant, D., Keenoy, T., & Oswick, C. (1998). Of diversity, dichotomy and multi-disciplinarity. In D. Grant, T. Keenoy & C. Oswick (Eds.). *Discourse and organization* (pp. 1-14). London: Sage.

Guba, E. G. & Lincoln, Y. S. (1994). Competing paradigms in qualitative research. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.). *The Sage handbook of qualitative research* (pp. 105-117). Thousand Oaks: Sage.

Hardy, C. & Phillips, N. (1999). No joking matter: discursive struggle in the Canadian Refugee System. *Organization Studies*, 20(1), 1-24.

Hardy, C., Palmer, I., & Phillips, N. (2000). Discourse as a strategic resource. *Human Relations*, 53(9), 1227-1248.

Kuhn, T. (1962). *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva.

Magalhães, I. (2005). Introdução: a análise de discurso crítica. *Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada - DELTA*, 21(n.esp.), 1-9.

Maingueneau, D. (2005). *Gênese dos discursos*. Curitiba: Criar.

Meyer, M. (2003). Entre la teoría, el método y la política: la ubicación de los enfoques relacionados con el ACD. In R. Wodak & M. Meyer (Eds.). *Métodos de análisis crítico del discurso* (pp. 35-60). Barcelona: Gedisa.

Morin, E. (2002). *O método 5. A humanidade da humanidade*. Porto Alegre: Sulina.

Orlandi, E. P. (2009). *Análise de discurso: princípios & procedimentos* (8a ed). Campinas: Pontes.

Orlandi, E. P. (2003). A análise de discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil. *Anais do Seminário de Estudos em Análise do Discurso*. Porto Alegre, RS, Brasil, I.

Orlandi, E. P. (2002). A análise de discurso e seus entremeios: notas a sua história no Brasil. *Cadernos de Estudos de Linguísticos*, 42, 21-40.

Orlandi, E. P. (1987). *A linguagem e seu funcionamento*. Campinas: Pontes.

Pêcheux, M. (1993). Análise automática do discurso. In F. Gadet & T. Hak (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux* (pp. 61-162). Campinas: Unicamp.

Phillips, N. & Hardy, C. (1997). Managing multiple identities: discourse, legitimacy and resources in the UK Refugee System. *Organization*, 4(2), 159-185.

Piovesan, A. M. W., Forlin, C. M., Mohr, D., Martinez, J. Z., Monteiro, S. L., & Franco, Z. (2006). A análise do discurso e questões sobre a linguagem. *Revista X*, 2(0), 1-18.

Resende, V. M. & Ramalho, V. (2006). *Análise de discurso crítica*. São Paulo: Contexto.

Resende, V. M. & Ramalho, V. (2004). Análise de discurso crítica, do modelo tridimensional à articulação entre as práticas: implicações teórico-metodológicas. *Linguagem em Discurso*, 5(1), 185-207.

Santos, B. S. (2010). *Um discurso sobre as ciências*. Porto: Afrontamento.

Saussure, F. (2006) [1916]. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix.

Van Dijk, T. A. (2016). Discurso, organizações e sociedade: entrevista com Teun A. Van Dijk. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 3(7), 703-732.

Van Dijk, T. A. (2008). *Discurso e poder*. São Paulo: Contexto.

Van Dijk, T. A. (1997). Semântica do discurso. In E. R. Pedro (Org.). *Análise crítica do discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional*. Lisboa: Caminho.

Wodak, R. (2003). De qué trata el análisis crítico del discurso (ADC). Resumen de su história, sus conceptos fundamentales y sus desarrollos. In R. Wodak & M. Meyer (Orgs.). *Métodos de análisis crítico del discurso*. Barcelona: Gedisa.

Wodak, R. (1996). *Disorders of discourse*. Harlow: Longman.

Wodak, R. & Meyer, M. (2009). *Methods of critical discourse analysis*. London: Sage.